

o clube dos rapazes

erica katz

Tradução de Nanci Marcelino

Para a minha mãe e o meu pai, por esta vida incrível marcada pelo apoio constante que ambos me deram. (Suplico-vos para que passem as cenas de sexo à frente quando lerem este livro.)

ANATOMIA DE UMA FUSÃO FALHADA

1. A LISTA DE ALVOS. Uma lista de potenciais compradores e vendedores de empresas no mercado relevante.
2. O ACORDO DE CONFIDENCIALIDADE (AdC). Um contrato legal escrito entre duas ou mais partes envolvidas, de modo a proteger as informações sensíveis a que cada parte terá acesso quando se der início às negociações.
3. MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE (Mdi). Uma expressão que demonstra interesse condicional e não-vinculativo no envolvimento da compra ou venda de uma empresa.
4. TENTATIVA DE FECHO. Uma tentativa para concluir o processo de fusão e transferir a titularidade legalmente através da assinatura e do registo de todos os documentos.
5. DISSOLUÇÃO. A anulação de um negócio que ainda não foi fechado; normalmente a parte que não cumpre os termos de fecho acordados paga uma taxa.
6. QUESTÕES PÓS-DISSOLUÇÃO. A «limpeza» e os ajustes feitos após um negócio ou dissolução, de modo a garantir que cada parte envolvida na transação pode continuar a atuar de forma bem-sucedida.

PRÓLOGO

SUPREMO TRIBUNAL DO ESTADO DE NOVA IORQUE:
IAS PARTE 29

SHEILA PLATT,
REGISTO N.º 1476/46
Queixosa,
-contra-
GARY KAPLAN,
Réu

TESTEMUNHAS:
ALEXANDRA VOGEL, TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
MICHAEL ABRAMOWITZ, ADVOGADO PARA O
INTERROGATÓRIO DA SENHORA VOGEL ANTES DO
JULGAMENTO DE GARY KAPLAN,
realizado por e perante MARA HARVEY, escritã e notária
pública do Estado de Nova Iorque, nos escritórios dos DRS
MEYERS E COWLER, 41 Kenmare Street, Nova Iorque, na
segunda-feira, 6 de junho de 2019, com início às 11:30 da
manhã.

INTERROGATÓRIO DIRETO PELO SR. ZEIGLER:

P: Bom-dia, senhora Vogel.

R: Bom-dia.

P: O meu nome é Avery Zeigler e faço parte do escritório de
advocacia Zeigler e Babchick. Estou aqui em representação do

rêu, Gary Kaplan, numa ação que foi iniciada contra ele pela senhora Sheila Platt.

Vou colocar-lhe algumas questões sobre a sua carreira profissional e especificamente sobre a sua relação com o senhor Kaplan. Se não entender as minhas perguntas, diga-me que tentarei colocá-las de outra forma.

Comecemos com algumas perguntas de contextualização. Onde estudou Direito?

R: Estudei na Faculdade de Direito de Harvard.

P: E onde trabalhou depois de ter concluído a sua licenciatura?

R: O meu primeiro emprego depois de sair da Faculdade de Direito foi como associada na empresa Klasko e Fitch.

P: E de que grupo fazia parte ao entrar para a Klasko e Fitch?

R: Do Klasko. Entramos para a empresa como associados júnior. Apresentamos os nossos interesses numa determinada área de prática e, em abril, entramos para um grupo.

P: Como é que entram para um grupo? Qual é o processo?

R: Os associados declaram as suas áreas de interesse. Trabalham nessas áreas. E se o grupo gostar do associado, deixa-o entrar.

P: Existe algum limite de vagas em cada grupo?

R: Bem, tem de haver trabalho suficiente para que os associados entrem. Um grupo de prática não pode aceitar um número ilimitado.

P: É um processo extremamente competitivo?

R: Eu diria que alguns grupos são mais cobiçados pelos associados do que outros.

[*O advogado de defesa consulta o colega.*]

P: Alguma vez sentiu necessidade de ir além dos deveres das suas funções? De se envolver pessoalmente de um modo não profissional com colegas ou clientes?

Estremeci ao de leve quando a minha armadura de saltos altos e fato de corte imaculado começou a ceder. Eu já não estava na sala de reuniões excessivamente climatizada do meu escritório de advogados sofisticado de Manhattan; a luz do Sol já não fluía pela janela sob a forma de faixas douradas que se enroscavam no meu regaço. Fui invadida pelos meus primeiros meses frenéticos na Klasko e Fitch, mergulhando cada milímetro

do meu corpo na competição, as emoções arrebatadoras do sucesso, com os nervos à flor da pele, o medo e a aversão e a intensidade consumidora de se ser uma associada júnior, a tentar desesperadamente garantir um lugar no grupo de prestígio. Limpei o suor da testa e fechei os olhos durante um bom bocado.

PRIMEIRA PARTE

A LISTA DE ALVOS

Uma lista de potenciais compradores e vendedores
de empresas no mercado relevante.

CAPÍTULO 1

— **E**stou bem assim? Sam? Sam!
O Sam estava de olhos fixos na televisão e de boca ligeiramente entreaberta, enquanto o programa da manhã *Morning Joe* emitia um barulho ensurdecedor. Bati com o salto dos meus sapatos de salto alto beges novos no chão de madeira.

— O que é? — Virou-se para mim, com olhos escuros inquisidores acima da marca persistente de um sono pacífico ao longo da face direita.

— Estou bem assim? Pareço-te uma advogada? — Entalei a blusa na saia e inspirei. — Credo! Estou tão nervosa.

Ele baixou o queixo com barba por fazer enquanto me examinava de alto a baixo.

— Estás mesmo muito *sexy*.

— Uf! — resmunguei ao virar-me para o quarto. O Sam seguiu-me, ensonado, a coçar a barriga por baixo da camisola interior branca, mesmo acima das calças de pijama de flanela.

— O que é? Que mal tem? Com o que é que devias parecer? Pareces exatamente aquilo com que te devias parecer.

Despi a blusa pela cabeça e fui a correr para o guarda-roupa.

— Profissional! Devo parecer profissional no meu primeiro dia como advogada. É óbvio — bufei, procurando algo por entre as minhas camisolas.

— E pareces profissional! Quer dizer, parecias.

Agora estava eu ali de saltos altos, saia e *soutien* e ele enfiou-se no espaço ao meu lado e abraçou-me pela cintura.

— A sério?

Ele anuiu e apanhou a minha blusa de seda branca do chão e deu-ma, ao mesmo tempo que um zunido ecoou pelo quarto, vindo de cima da minha cómoda. Virei-me de costas para ele e peguei no meu telefone.

Fiquei a olhar para a palavra «Casa» por um instante, o meu dedo pairou sobre o botão para rejeitar, mas depois pensei melhor e premi o botão verde, enquanto o Sam aproveitava a oportunidade para fugir de volta para o sofá.

— Olá, mãe! Estou com pressa para me vestir! O que se passa?

— Estamos aqui os dois! — gritou a minha mãe. Meti o telefone em alta-voz e enfiei a blusa pela cabeça.

— Só ligámos para te desejar boa sorte! — juntou-se o meu pai harmoniosamente à chamada. Imaginei-os de cabeças encostadas uma à outra, na cozinha, a gritarem para o auscultador do telefone agora amarelado, e com o fio irreversivelmente torcido e excessivamente longo aos pés deles.

— Oh, obrigada! Depois ligo-vos mais tarde e conto-vos...

— Alex? — chamou o meu pai.

— Estou? Conseguem ouvir-me? — Olhei para o meu ecrã para verificar se tinha quatro barrinhas.

— Desligaste na cara dela! — lamentou a minha mãe.

— Vocês tiraram o som! — berrei, praguejando logo a seguir perante a futilidade da minha exclamação. *Espero cinco segundos e depois desligo...*

— Coelhinha?

— Mãe?

— Olá! Pensávamos que te tínhamos perdido! Estás nervosa?

— Nem por isso! — Menti, inclinando a cabeça para o lado, de modo a obter um ângulo melhor para roer a unha do polegar. — Hoje são só apresentações.

— Estamos tão orgulhosos de ti — disse ela de repente. Senti o estômago a apertar e olhei de relance para o fato *Ann Taylor*, ainda com as etiquetas, pendurado no lado oposto do guarda-roupa.

Desejei ter passado um dos meus verões de férias da Faculdade de Direito na Klasko.

Assim, saberia o que vestir, o que esperar.

— Vesti uma saia e uma blusa. Acham que devia vestir um fato, em vez disso? — Fez-se silêncio do outro lado da linha.

Porque estou a pedir conselhos sobre vestuário empresarial a uma dona de casa e a um tipo que usa uniforme de médico todos os dias?

— Tenho a certeza de que vais ficar bonita com o que quer que decidas vestir! — lá acabou a minha mãe por dizer.

Revirei os olhos. *Inútil.*

— Obrigada, mãe. E obrigada por terem ligado. Mas agora tenho de ir.

— Dá cabo deles! — gritou o meu pai.

De repente, senti-me profundamente desadequada.

— Calma, pai. Até parece que vou curar o cancro.

— Foi por isso que te disse para dares CABO deles! — disse o meu pai de forma melodiosa e com orgulho. Não pude deixar de sorrir perante a piroscice da piada do meu pai.

Ele era oncologista e, embora eu soubesse que estava orgulhoso de mim, sempre suspeitei que desejava que eu tivesse continuado no Centro de Apoio às Famílias, apesar de nunca o ter dito.

Quando eu era criança, os meus pais costumavam dizer-me: «Quando fores grande, podes ser o que quiseres. Médica, advogada...» Não conseguia lembrar-me quando decidi que aquelas eram as minhas duas únicas opções.

Tinha o lábio superior coberto de suor. *Como raio vim aqui parar? Será que quero sequer ser advogada? Talvez não devesse ter aceiteado um emprego numa grande empresa de advocacia. O Sam e eu teríamos conseguido sobreviver com o meu salário do Centro de Apoio às Famílias até a empresa dele começar a fazer dinheiro... se é que a empresa dele alguma vez começasse a fazer dinheiro.* Olhei para o guarda-roupa grande cheio de blusas e saias, a maioria ainda com as etiquetas, e percebi que não era verdade. Eu queria esta vida, o meu apartamento luxuoso, um guarda-roupa cheio de roupas novas. Fui eu que escolhi.

— Eu e a tua mãe vamos agora ao mercado. Gostamos muito de ti! Boa sorte!

O meu telefone começou a tocar com uma chamada e vi o nome Carmen Greyson no ecrã. — Obrigada! Tenho de me despachar! Gosto muito de vocês! — Atendi a chamada nova sem esperar que eles se despedissem.

— Olá! — Suspirei de alívio por ter notícias da minha colega da Faculdade de Direito. — Estou tão contente por teres...

— O que tens vestido? — indagou a Carmen.

— Hum, saltos altos beges, saia travada azul-marinho, blusa de seda branca?

— Sim. Perfeito. Absolutamente perfeito. Simples, bem cuidado e profissional — garantiu-me a Carmen e senti o meu batimento cardíaco a abrandar de imediato. Embora a Carmen e eu nunca nos tenhamos tornado próximas na faculdade, o facto de entrarmos para a mesma empresa fez com que passássemos a ser camaradas. Além disso, ela passara o último verão dela a fazer estágio na empresa, por isso pretendia ficar colada a ela para as apresentações sociais e para que me aconselhasse sobre como agir no que dizia respeito à política da empresa. A Carmen era perspicaz, dinâmica e rigorosa, emocionante de um modo a que eu não estava habituada, visto que crescera protegida no Connecticut.

Expirei devagar, permitindo que as minhas faces se dilatassem com o ar da força do meu alívio.

— Também vesti uma saia e uma blusa. Mas não tenho a certeza...

— A Carmen divagou sobre as várias opções de indumentária que tinha enquanto eu espreitava para a sala de estar.

O Sam encontrava-se sentado no sofá modular tufado novo que eu comprara com os últimos cêntimos da minha bolsa de mudança de empresa. Já estava com saudades dele. Gostava que o verão tivesse durado só mais alguns meses. Depois de eu ter feito o exame para a Ordem de Nova Iorque, tínhamos andado aos saltinhos pelo Sudeste Asiático com o cartão de crédito do meu pai em riste, a prenda demasiado generosa dele por eu ter concluído a Faculdade de Direito, e uma excitação constante nas nossas cabeças durante três semanas. Ainda não me sentia pronta para o mundo real.

— Está bem. Até daqui a pouco! — A voz da Carmen perfurou os meus pensamentos e ainda consegui despedir-me antes de ela desligar. Fui ter com o Sam, que arrancou o olhar das notícias matutinas e olhou para mim, agarrando-me depois pelo colarinho e puxando os meus lábios até aos dele.

— O que é? — Estreitou os olhos ao contemplar a minha expressão. Baixei-me devagar ao lado dele.

— Não faço ideia porque estou tão nervosa. É só a apresentação. Nem sequer vou fazer nenhum trabalho a sério hoje.

— Vais ser espetacular. — Apertou-me a coxa em jeito de me mandar embora e voltou a virar-se para o televisor. Observei-o durante mais um bocado, na esperança de que ele me encorajasse mais. Não aconteceu nada.

Fui até ao espelho da nossa entrada, alisando o meu longo cabelo cor de caramelo e a desejar que os meus olhos castanhos cansados parecessem mais brilhantes. *Calma*, disse a mim mesma. *Vai correr tudo bem*. Recuei,

dei uma última vista de olhos a mim própria e arranquei a etiqueta da bolsa de cabedal castanho-chocolate de linhas retas e com espaço suficiente para um portátil que a minha mãe me comprara. Não sabia muito bem como é que a minha mãe conseguira escolher um presente tão perfeito, ela usava calças plissadas e sapatos rasos práticos para trabalhar como voluntária na biblioteca desde que conseguia lembrar-me, mas imaginava que pedira ajuda à assistente de vendas da loja Bloomingdale suburbana a que costuma ir para comprar algo que as «mulheres trabalhadoras» levam para o escritório. Respirei devagar, inspirando ar com cuidado para os meus pulmões, expirei pelos lábios semicerrados e dirigi-me para a porta da frente.

— Vou-me embora! — anunciei.

O Sam descolou-se do sofá, emitindo efeitos sonoros de resfôlegos e resmungos que ele achava que combatiam os músculos rígidos matinais dele enquanto caminhava na minha direção como se fosse um *zombie*.

— Boa sorte! — Sorriu ao inclinar-se para me beijar a face.

— O que vais fazer hoje? — perguntei.

— Alex, eu trabalho. Todos os dias. — Reparei no desânimo na voz dele, quando o Sam voltou a virar os pés na direção do televisor. — Há tanta coisa para fazer. As reuniões com os investidores têm corrido bem. Ainda temos de adquirir todo o inventário...

— Não foi isso que quis dizer — retorqui, interrompendo-o, enquanto olhava para o meu relógio. — Eu sei que trabalhas muito. Só estou nervosa. E tenho de me ir embora.

— Vai! Boa sorte! — O Sam tentou dar-me um sorriso tranquilizador.

— Toda a gente me diz que este emprego vai dominar a minha vida. Vamos ficar bem, não vamos?

Ele pousou as mãos nas minhas faces.

— Foste tu que disseste que tudo é perfeitamente exequível, a não ser que escolhas fusões e aquisições. Não lhes peças trabalho a eles. Não te coloques nessa posição. Não te candidates a eles. É canja — disse, piscando o olho.

Sorri-lhe e dei-lhe um beijo demorado antes de percorrer o corredor, voltando a sentir os nervos na barriga enquanto carregava sem parar no botão para chamar o elevador até este se abrir no meu andar com um *tlim*.

Cheguei vinte minutos mais cedo a um de centenas de edifícios toscos de escritórios alinhados ao longo da Quinta Avenida; a partir da estrada todos

me pareciam ser exatamente iguais. Dera-me a mim mesma quarenta e cinco minutos para chegar ao trabalho, inflacionando os vinte e três minutos de viagem de metro de Chelsea até ao centro da cidade, que fizera duas vezes à experiência na semana anterior. O edifício em que me encontrava agora albergava a sede americana de um banco japonês, duas empresas de consultadoria e a Klasko e Fitch, a maior e uma das mais prestigiadas sociedades de advogados do mundo. Empurrei a porta giratória, os meus saltos altos ressoaram nos meus ouvidos dentro do cubículo triangular de vidro antes de este me cuspir para o extenso átrio de mármore.

A entrada insípida era uma cacofonia de conversas telefónicas unilaterais e cumprimentos superficiais. Toda a gente que passava por mim parecia ter um objetivo. Ninguém deambulava, ninguém ficava na conversa fiada. Os homens e mulheres que se dirigiam para as respetivas secções de elevadores, fazendo depois deslizar os cartões de acesso de forma elegante, apresentavam-se ao mundo com um aspeto asseado e confiante. Seguindo o exemplo, só me permiti olhar de relance pelo canto do olho para a cortina de água relaxante que caía em cascata sobre as pedras brancas e para a fita de advertência que vedava a zona de construção em torno de uma das secções de elevadores mais distante, onde a gerência do edifício colocara uma placa educada em que dizia «pedimos desculpa pelo nosso aspeto». Procedi com cuidado para continuar o meu passo rápido em direção a uma grande placa azul que dizia «Bem-vindos Novos Associados Klasko e Fitch» no lado oposto do átrio.

Um homem sentado à secretária do posto de segurança, cuja plaquinha de identificação dizia «Lincoln», fez-me um sorriso simpático quando passei. Supus que ele já era extremamente experiente na deteção de novos associados nervosos.

— Olá! Bem-vinda à Klasko e Fitch! Estamos muito contentes por tê-la conosco. Alexandra Vogel, não é? Desculpe. Prefere que lhe chamem Alex, estou correta? — Uma morena angelical que parecia ter quarenta e poucos anos sorriu-me de um modo cordial a partir da mesa de boas-vindas. — Eu sou a Maura. Diretora de recrutamento. Não sei se se lembra...

— Claro! Conhecemo-nos na entrevista na universidade. E, sim, Alex. Obrigada. — A minha voz soou calma, como sempre em momentos de tensão. Resquícios da minha carreira de natação de competição da adolescência permitiam-me ocultar os nervos na altura de entrar em ação.

Enquanto ela percorria a pilha de pastas atrás de uma plaquinha onde se lia «R-Z», olhei de relance para o meu relógio.

— Chegou mesmo a horas — garantiu-me, sem erguer o olhar das pastas. — Não foi a primeira a chegar. Nem a última. Chegou mesmo a meio do grupo. Não se preocupe com... ah! Aqui está! — Puxou uma pasta identificada com KeF de entre a pilha. — Aqui estão a sua identificação com fotografia e o cartão de acesso. Vai precisar deles para entrar na secção de elevadores. Agora vai até ali e sobe até ao 45.º andar. Se se esquecer, está logo na primeira página dessa pasta. Se precisar de alguma coisa...

— Olá! Sou a Nancy Duval. — Eu e a Maura virámo-nos para ver uma loura de olhos grandes a pegar na bainha desgastada do casaco. Por um instante, senti um aperto no coração ao ver que ela estava vestida de modo mais formal, mas depois garanti a mim mesma que a minha saia feita à medida e a minha blusa eram tão adequadas quanto o fato gasto dela. Pensei se a interrupção dela era resultado do nervosismo do primeiro dia ou de uma inépcia social mais geral, o tipo com que me familiarizara bastante na Faculdade de Direito.

— Olá! — Uma loura alta e magra apareceu ao lado da Maura e olhou para a Nancy. — Eu sou a Robin, a outra gestora de recrutamento. Posso tratar de si aqui.

Agradei à Maura pela ajuda e enfié a pasta na minha bolsa. Ela piscou o olho.

— Adoro a sua bolsa. — Sorri-lhe e dirigi-me à secção de elevadores correspondente aos andares 35 a 45, onde estavam três mulheres de fato à espera. Rezei para que elas não fossem para o 45.º andar. *Devia ter vestido um fato. À exceção da Carmen, vou ser a única com um estilo empresarial casual. Todos os homens estarão de fato. Já agora, onde está a Carmen? Devia ficar ao lado dela para não me destacar.*

— Alex! — entouu a mais alta do trio na minha direcção.

Fitei-a.

— Carmen! Olá!

Senti o rubor a subir do meu peito para as minhas faces, enquanto assimilava o fato azul-marinho de corte perfeito, um que eu experimentara, mas decidira que era demasiado caro.

Ela puxou-me para me abraçar e fiquei com as mãos desajeitadamente coladas nas laterais do meu corpo.

— Vieste de fato — disse eu, obrigando a minha voz a soar calma.

— Enviei-te uma mensagem! Mas estás fantástica! — A Carmen estava radiante. Os olhos azuis muito claros, quase translúcidos, examinaram-me atentamente de alto a baixo. Baixei os olhos para o meu telefone e vi uma

mensagem dela, de há quatro minutos. Supus que a tivesse enviado enquanto eu estava no metro. Quando já era demasiado tarde. Não sei porque ouço a minha mãe, pensei. Ela não faz a mínima ideia.

Antes de poder responder, a Carmen virou-se para as amigas.

— Esta é a Jennifer e a Roxanne. Andámos juntas na faculdade.

— Olá! — disse a Jennifer de forma cordial, e os grandes olhos castanhos dela denunciaram uma certa ansiedade sob a franja loura volumosa.

— Olá! — disse a Roxanne com um aceno de mão. — Não sei porquê, mas estou tão nervosa! — Riu-se enquanto afastava o cabelo castanho-avermelhado da frente dos olhos. Era minúscula e adorável, como a boneca de cabelo ruivo da marca *Cabbage Patch Kids* que eu tinha em cima da minha cama quando era criança.

— Eu também! — Os meus ombros descontraíram, grata pela confissão dela. Dois homens de fato com placas de identificação da Klasko aproximaram-se de nós, rindo-se uns para os outros, e seguiram-se abraços cordiais entre os cinco, enquanto eu ficava de lado, a observar os jovens profissionais calmos a porem a conversa em dia.

— Olá! Eu sou o Kevin — disse um dos rapazes, virando-se para mim e estendendo-me a mão. Obriguei-me a olhá-lo nos olhos, apesar do cabelo cheio de gel e espetado dele. *Será que os homens ainda usam o cabelo espetado?*

— Alex. — Sorri, mas senti inveja do verão que tinham passado a conhecerem-se uns aos outros e a aprenderem como funcionavam as coisas na Klasko. Tudo enquanto ganhavam seis vezes mais do que eu no meu estágio sem fins lucrativos.

Embora já tivessem passado doze anos desde o sétimo ano e eu tivesse agora uma vida social saudável, uma licenciatura em Direito e braços razoavelmente tonificados, senti-me da mesma maneira de quando fui obrigada a comer sandes de peru sentada numa sanita na hora de almoço ao longo de uma semana no sétimo ano, quando a Sandy Cranswell, a abelha-rainha da nossa turma, decidiu que me odiava por eu ter «ombros de homem», por causa da natação, por isso ninguém se sentaria ao pé de mim no refeitório. Não demorara muito até o Zach Schaeffer se ter tornado meu amigo no autocarro misto para as finais estatais, e o grupo de amigos dele do oitavo ano seguiu-lhe as pisadas, colocando-me novamente nas boas graças da Sandy, mas eu ainda me lembrava da ferroadada dela.

Nós os seis enchemos o elevador com outras pessoas e, enquanto todos conversavam entusiasmados, fiquei na parte de trás e fechei os olhos por

um instante, desejando desesperadamente que a gota de suor que escorria pela minha espinha abaixo se evaporasse antes de atingir a blusa.

Assim que o nosso elevador se esvaziou no 45.º andar, vimos um pavimento de tábuas largas de carvalho que sustentava uma secretária moderna de mármore na recepção, rodeada por luxuosos sofás e poltronas de cabedal castanhos. Só me lembrava vagamente do espaço, de quando viera à entrevista há quase um ano. Mas, nesse dia, estivera demasiado nervosa para apreciar o quão bonito era o espaço do escritório. Duas mulheres e um homem, todos parecendo estar na casa dos vinte anos, encontravam-se sentados por trás da secretária, com auscultadores na cabeça. Assim que nos viram, estamparam sorrisos nos rostos, sem interromperem os respectivos coros de «Para onde deseja que passe a sua chamada?» e «Um momento, por favor». Uma placa onde se lia «Orientação para Associados do Primeiro Ano» guiou-nos ao longo de um corredor ladeado por salas de conferência com paredes de vidro.

As portas para a nossa sala de reuniões tinham sido abertas para nos receber e as cortinas haviam sido afastadas para expor a vista para sul, que parecia abranger toda a cidade de Manhattan abaixo da Rua 55. A frente e o centro do edifício MetLife estavam no centro das atenções; ao longe, a Freedom Tower mostrava-se refletiva e inabalável; o Empire State Building parecia apressar-se com uma confiança impossível em direção aos céus, como se desafiasse o Chrysler Building para uma batalha de vontades; e do lado mais à esquerda, a ponte de Brooklyn estendia-se, de modo sonolento, sobre as águas prateadas do rio East.

Uma mulher com um fato de calças cinzento estava de pé no pódio a observar-nos com um sorrisinho, enquanto absorvíamos tudo.

— É impressionante, não é? — anunciou ao microfone.

Alguns dos meus colegas do primeiro ano sentaram-se, alguns na conversa, e apercebi-me de que nenhum dos outros estava maravilhado com a vista. Devem ter-se habituado durante o estágio como associados de verão. Descontraí ligeiramente, porém, ao reparar com alívio que várias das cinquenta e duas novas colegas também vinham de saia e blusa. De forma disfarçada, afastei-me da Carmen, Roxanne e Jennifer, para não me destacar como estando mal vestida e sentei-me entre o Kevin e um afro-americano com um fato azul-marinho e um lacinho vermelho salpicado com florzinhas amarelas.

O rapaz com o lacinho inclinou-se para mim e apontou para a gravata do Kevin: cor de laranja com cachorrinhos, com um nó Windsor duplo que lhe fazia parecer o pescoço ainda mais magro do que realmente era.

— *Ferragamo?*

— Eu... hum... — O Kevin virou a gravata e baixou o olhar para a etiqueta.

— Sim! Acho que estou a usar o uniforme! — Riu-se e estendeu a mão.
— Sou o Kevin.

O outro homem apertou-lhe a mão com um piscar de olhos. — Gosto do teu cabelo espetado, meu. — Encolhi-me, embora ele não parecesse, de todo, estar a gozar com o Kevin.

— Sou o Derrick. Passei o último verão no escritório de LA, por isso sou o tipo novo — explicou o Lacinho, recostando-se e levando a mão ao coração antes de a estender para mim. Era atraente, com maçãs do rosto bem demarcadas e um maxilar quadrado, mas também tinha estilo e um grande sorriso que desfez o nó que se vinha formando entre as minhas omoplatas.

— Alex — disse eu, apertando-lhe a mão. — Passei o último verão no Centro de Apoio às Famílias. — Acenou brevemente com a cabeça, reconhecendo o nosso ponto em comum de recém-chegados.

— Bom-dia a todos. — A mulher de fato de calças cinzento na frente da sala falou para o microfone e todos nos calámos de forma obediente. — Sou a Eileen Kasten. Sou sócia na área de contencioso e diretora do vosso programa de formação do primeiro ano. Ao longo dos vossos primeiros oito meses na empresa, terão formação sobre práticas empresariais gerais todas as segundas-feiras de manhã. Esperamos que passem estes primeiros meses a aprender o máximo que puderem sobre o máximo possível de áreas de prática, para que possam tomar uma decisão informada sobre a área em que gostariam de trabalhar para o resto da vossa carreira. Daqui a oito meses, candidatar-se-ão a um grupo de prática que será responsável pela vossa formação acerca das especificidades da respetiva prática. Vocês atribuem uma classificação a essa área. Essa área atribui-vos uma classificação. Vocês são admitidos. Toda a gente, os cinquenta e dois, acaba satisfeita.

O Derrick bufou e revirou os olhos.

— Pelo menos metade de nós ficará desiludida — sussurrou-me. — Não há vagas suficientes para toda a gente nos melhores grupos de prática. — Não pensara que qualquer um dos grupos de prática fosse considerado melhor que os outros, só que a área de fusões e aquisições era considerada mais intensa.

Ela prosseguiu.

— Por hoje, quero que se conheçam uns aos outros. Olhem para a

vossa direita. — Olhei para a parte de trás da cabeça brilhante e cheia de gel do Kevin. — Essa pessoa estava entre os quinze por cento melhores de uma das faculdades de Direito entre as quinze melhores do país. Olhem para a vossa esquerda. — Virei-me e dei com o Derrick, de olhos trocados e a língua de fora a meros centímetros do meu nariz e tapei a boca para me impedir de rir alto. — Essa pessoa estava entre os dez por cento melhores de uma das dez melhores faculdades de Direito do país. — Fez uma pausa dramática. — Como é que sabem se isso é verdade?

— Estamos todos entre os dez por cento melhores das dez melhores faculdades de Direito — gritou o Derrick na direção do pódio.

— Como se chama? — perguntou a mulher.

— Derrick Stockton — respondeu ele com uma confiança que invejei.

— É exatamente isso, Derrick Stockton. A intenção disto não é intimidar nenhum de vocês. Muito pelo contrário, o objetivo é deixar-vos descansados. Este é o vosso lugar. Mas também serve de aviso para o facto de não se distinguirem uns dos outros meramente através da inteligência. Pelo menos, não com facilidade.

Engoli em seco e comecei a arrancar a minha cutícula.

— Que monte de tretas. Só clichés — resmungou o Derrick por entre os dentes. Tirou uma drageia de menta do bolso e meteu-a na boca. — Queres uma?

— Oh, céus. — Pousei a mão sobre os meus lábios. — Preciso de uma? — O Derrick fitou-me por um instante e depois estreitou os olhos em jeito de brincadeira.

— És um bocadinho maluca, não és? Gosto disso — sussurrou. — O teu hálito está ótimo. Só estava a ser educado.

— Estou nervosa — admiti, aceitando a drageia.

— Quem é que não está? — Sorriu, acalmando-me instantaneamente.

— ... esperamos que demonstrem ética de trabalho. Motivação. — A mulher em cima do pódio movia a cabeça automaticamente de um lado para o outro da sala. — Tenacidade. Esperamos que sejam esponjas. Estão aqui, porque são o melhor que as faculdades de Direito americanas têm para nos oferecer. Já agora, o mesmo se aplica às faculdades de Direito do Reino Unido, Alemanha, França, Japão, Hong Kong, Brasil e Austrália que formaram os vossos colegas internacionais. Por falar nisso, no início de fevereiro, terão a oportunidade de conhecer todos os vossos colegas de primeiro ano, na Academia do Primeiro Ano em LA. Como devem saber, somos não só a maior, como, indiscutivelmente, a melhor sociedade de

advogados do mundo. Temos a força de duzentos e cinquenta advogados em trinta e sete escritórios em todo o planeta. O nosso presidente da área de contencioso foi o anterior diretor da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários. Vendemos ações do Facebook ao público. Somos a empresa que defendeu a ação afirmativa para a Universidade do Michigan. Nós...

— Eles *adoram* como o raio dizer a toda a gente que defenderam a ação afirmativa. Como se isso fizesse com que eles não fossem racistas ou algo do género — sussurrou o Derrick ao inclinar-se para mim.

Enquanto a Eileen falava com um tom monocórdico no pódio, olhei de relance pela sala, sentindo a energia nervosa dos meus novos colegas, apesar dos rostos plácidos. Fiquei maravilhada com as gravatas novas e os fatos à medida, os saltos altos brilhantes e os colarinhos engomados, os equivalentes adultos de sapatilhas brancas reluzentes no primeiro dia no infantário. Olhei para a frente, para as raparigas de Columbia que estavam a ensanduichar a Carmen, com os fatos subtilmente diferentes e alisei a minha blusa instintivamente como reação.

Dei com o Derrick a olhar para mim de forma consciente.

— És uma sortuda — disse ele calmamente.

— Há?

— Ninguém sabe ao certo o que significa «estilo empresarial casual» para as raparigas. Podes usar o que quiseres. O que todos sabemos é que é uma demonstração de moda. — Calou-se por um instante. — Para que saibas, tens razão. Os fatos são vestuário empresarial. Tu estás vestida num estilo empresarial casual.

— Tu estás de fato!

— Eu estou sempre em modo empresarial, querida. — Piscou o olho; dos meus lábios cerrados escapou-se outra gargalhada. Não ouvi o fim do discurso simultaneamente intimidativo e motivador, mas fomos dispensados, de repente, para o 40.º andar, para a formação tecnológica. Ao percorrermos o corredor em massa até ao elevador, passámos por uma sala de conferências envidraçada, onde seis homens brancos com fatos escuros estavam sentados à volta de uma mesa de madeira robusta e lustrosa.

— Aqueles tipos, provavelmente, são da área de fusões e aquisições — disse o Derrick, com a cabeça inclinada.

— Como é que sabes? — perguntei, olhando fixamente para lá do vidro.

— Por causa da maneira como estão sentados. E do que têm vestido. De como se apresentam. — Olhei para ele com uma sobrancelha erguida. — Como autênticos parvalhões. Os parvalhões mais bem pagos, mais

respeitados da Klasko. É o grupo mais competitivo para o qual podemos candidatar-nos. Também era assim no escritório de LA. E em todo o lado, acho eu. Quais foram os grupos em que disseste que estavas interessada no questionário que eles enviaram?

— Coloquei a área do imobiliário — murmurei, com a esperança de ser bem aceite. Olhei para trás, para os homens na sala de conferências e para os clarões intermitentes de luz lançados dos pulsos deles a partir dos relógios e botões de punho. Estavam todos bem arranjados e bem vestidos. Tinham olhares concentrados e pareciam desempenhar um papel precisamente na cena que se pode visualizar quando nos pedem para imaginarmos uma reunião em curso no mundo empresarial americano. Talvez por isso me tenham feito sentir um pouco fascinada.

Um deles, que parecia ser mais novo do que os outros, ainda tinha um fato de corte magistral, cabelo brilhante e pele bronzeada na perfeição. Vi que o Derrick tinha razão. Não tinha a ver só com o vestuário deles ou só com a intensidade dos olhares ou só com a maneira como os joelhos deles se afastavam com confiança debaixo da mesa. Era uma combinação de tudo isso. De certo modo, pareciam mais importantes do que todos nós, do que eu. À medida que o Derrick e eu percorríamos o corredor, comigo a rodar o pescoço para os manter no meu campo de visão, esforcei-me para descolar os olhos deles. Quando, finalmente, virei a cabeça para a frente, lembrei-me dos boatos relacionados com o número astronómico de horas que eles faturavam e dos clientes exigentes que atendiam. O brilho deles foi desaparecendo da minha memória enquanto prosseguia para a nossa sessão seguinte.

CAPÍTULO 2

A sala de formação tecnológica para que fomos conduzidos era um espaço interior mal iluminado com, pelo menos, cem computadores e telefones alinhados em filas direitinhas. De orifícios de ventilação caía um ar gélido sobre nós, mantendo as máquinas frescas e os nossos corpos a tremer. O Derrick puxou uma cadeira ao lado dele para mim e, grata, deixei-me cair nela.

Uma mulher com uma longa trança frisada até à cintura caminhou de um lado para o outro na parte da frente da sala e depois pigarreou para começar a falar.

— Os computadores e telefones das vossas estações foram concebidos para serem iguais aos dos vossos escritórios. Vamos começar com o telefone...

— Dez paus em como mais nenhum ser vivo entrou no apartamento dela na última década — sussurrou o Derrick.

— Que mau! — sussurrei por entre uma gargalhada. — Apostado.

— ... e, acreditem ou não, o erro mais comum cometido pelas pessoas ao telefone não é desligar. Foram avisados. — Fez um sorriso de orelha a orelha. — Começamos pelo modo como fazer uma chamada. É a coisa mais fácil que farão hoje, mas habituemo-nos a praticar absolutamente tudo. Desliguei o meu telemóvel e escrevi o meu número no quadro atrás de mim. Têm de marcar nove para uma linha exterior e um, portanto, para

me telefonarem, marcam 9-1-9-1-7-6-1-2-3-1-4-2. Agora, pratiquem todos ligar-me, mas façam-me um favor e não deixem nenhuma mensagem de voz.

Rimo-nos em tom cordial enquanto pegávamos nos auscultadores e marcávamos o número. Esperei pela mensagem de voz dela.

— Linha de emergência, qual é a sua emergência? — perguntou a voz do outro lado. Olhei para o auscultador, horrorizada, e bati com ele na base do telefone.

— O que é que aconteceu? — O Derrick aproximou-se, a olhar para o meu telefone, mas eu estava demasiado aterrorizada para responder.

— Muito bem. Pronto. Avancemos para a transferência de chamadas. — Todos nós passámos a nossa atenção para a parte da frente da sala. — Vão reparar que o botão de colocar a chamada em espera...

De repente, o meu telefone tocou, interrompendo a nossa formadora.

A turma inteira virou-se para mim; o Derrick até virou a cadeira para olhar para mim. A formadora franziu o sobrolho, gesticulando para o meu telefone a tocar e peguei no auscultador.

— Estou? Está tudo bem... Estou bem... Só me enganei no número — gaguejei para o telefone, desligando antes ainda de o autor da chamada poder dizer uma palavra. Consegui sentir as minhas faces a radiar, confirmando que me tinha transformado num humilhante tom carmesim.

— Quem era? — perguntou a formadora, parecendo mais curiosa do que acusadora.

Fiquei a olhar para ela, incapaz de inventar uma história suficientemente depressa.

— Devo ter marcado um «um» a mais depois do nove-um — disse eu, com calma.

— Ligaste para o nove-um-um das emergências? — piou o Derrick. Fez-se um breve silêncio na sala, seguido de uma erupção de gargalhadas. Ergui os olhos dos meus punhos com nós dos dedos brancos, pousados nas minhas coxas, e fiquei surpreendida por ver uma sala cheia de rostos compassivos. O Derrick atirou um braço em torno do meu ombro e derreti-me encostada a ele com um beicinho dramático.

— Esquece lá isso, acabei de ligar para o sócio-gerente da empresa sem querer — disse alguém no fundo da sala. Virei-me na direção da voz e deparei-me com o olhar da Carmen.

— Ligou para o *Mike Baccard*? — A formadora arfou.

— Pelo menos, a linha de emergências não pode despedir-te! — disse

a Carmen e a sala voltou a desatar a rir às gargalhadas. Acenei-lhe com gratidão.

A formadora sorriu.

— Oh, vocês são mesmo uma turma especial. Mas avancemos. A este ritmo, não saímos daqui antes do final do dia e tenho três gatinhos novos em casa que não se alimentam sozinhos!

O Derrick e eu olhámo-nos nos olhos.

— Tenho a certeza de que os animais de estimação contam como seres vivos — disse eu.

— Apanhaste-me, Vogel. — Ele sorriu. — Devo-te uma bebida.

Atribuíram-nos escritórios com vistas desobstruídas para Manhattan, contas de *e-mail* da empresa, telemóveis da empresa, portáteis da empresa, cartões de crédito da empresa, um PPR da empresa, seguro de saúde da empresa, mensalidades nos ginásios Equinox e sacos para ginásio da empresa para nos encorajarem a usá-los. Conheci a minha secretária, a Anna, que me mostrou a fotografia dos netos dela no medalhão que trazia ao pescoço e me disse, com orgulho, que o filho mais velho dela acabara de entrar para o clero. Gostei logo dela. Perguntou-me quais eram as minhas preferências no que dizia respeito à receção de mensagens, ofereceu-se para transformar as minhas alterações em documentos e insistiu que me manteria alimentada mesmo quando eu achasse que estava demasiado ocupada para comer. Eu não sabia o que significava «transformar alterações» e não conseguia entender o que era viver num mundo em que o trabalho alguma vez influenciasse as exigências do meu estômago a roncar, mas agradeci-lhe imenso e jurei a mim mesma que nunca lhe pediria absolutamente nada que conseguisse fazer sozinha.

— Chego às nove todas as manhãs para organizar as suas tarefas e a sua agenda — continuou ela. — A maioria dos advogados chega entre as nove e meia e as dez e meia, mas não existe regra nenhuma para si. Saio às cinco e meia e a secretária da noite apoia-a até eu voltar de manhã. Parece-lhe bem?

Acenei que sim e ela voltou para o cubículo dela no exterior do meu escritório para me deixar instalar.

— Se precisar de alguma coisa, em qualquer altura, diga! — disse-me bem alto. — Apoio-a a si e aos dois advogados em cada um dos seus lados, mas nunca estou demasiado ocupada, mesmo que pareça estar.

Sorri, grata, e sentei-me à minha secretária, a dar uma vista de olhos aos *e-mails* da coordenadora da formação sobre o nosso horário da semana seguinte. Para passar tempo até à formação de ética na hora de almoço, liguei para a extensão da Carmen para treinar juntar-me a uma chamada em conferência. O resto do dia passou a voar e quando a nossa formação sobre benefícios acabou às quatro e meia, voltei para o meu escritório, com a sensação de ser demasiado cedo para me ir embora. Pouco depois das cinco horas, olhei para cima e os meus olhos encontraram-se com os da Anna, que, mesmo ali fora do meu escritório, estava a arrumar tudo para ir para casa. Ela acenou sabiamente e caminhou na minha direção, encostando-se depois à ombreira da porta.

— Devia ir para casa, querida. Muito em breve, trabalhará tanto que se esquecerá do aspeto do seu apartamento. Até amanhã. — Saiu discretamente da minha entrada antes de eu poder despedir-me dela.

O meu telefone tocou, instilando um pânico súbito em mim, de ser altura de fazer trabalho real, mas o nome da Carmen surgiu na identificação do autor da chamada.

— Olá!

Ela riu-se.

— Não é tão estranho termos escritórios?

— É, não é? Parece que estou a desempenhar o papel de uma advogada na televisão!

— Vamos todos ao bar do outro lado da rua para festejarmos o nosso primeiro dia. Vem também!

— Prometi ao meu namorado que hoje estaria em casa para jantar.

— Não sejas ridícula — gozou. Olhei para o meu relógio de relance. As apresentações tinham acabado antes do tempo e o Sam não esperava que eu chegasse a casa, pelo menos, na próxima hora. Por um instante, pensei em todas as *happy hours* depois do trabalho que vira na televisão e em filmes. Nunca tivera colegas dispostos a gastar dinheiro em bebidas com preços inflacionados no centro da cidade.

— Está bem. Alinho. — Soube bem render-me tão facilmente, permitindo-me sentir como uma profissional pela primeira vez na vida.

— A primeira rodada é por minha conta! — insistiu o Derrick, enquanto entregava o cartão de crédito dele ao empregado do bar e nós os cinco fazíamos um círculo atrás dele.

— Não! — protestámos em unísono.

— Sou eu que ofereço. Eu tiro da minha bolsa de deslocação — disse ele com um sorriso. — O que querem beber?

Depois de gritarmos à vez os nossos pedidos ao empregado, examinei o bar pouco povoado.

O Kevin inclinou-se para mim.

— Agora só cá estamos nós e o pessoal publicitário. Os advogados e os banqueiros de investimentos só chegam, no mínimo, depois das seis e meia.

O Derrick passou-me a minha *Vodka Soda* por cima da cabeça da Roxanne e dirigiu-lhe um obrigada só com os lábios.

— Como é que sabes que trabalham em publicidade? — perguntei ao Kevin.

— Por causa das roupas deles. Pode ser só mau gosto, mas o mais certo é ser falta de dinheiro — respondeu antes de ir apoderar-se de uma mesa alta, cujos ocupantes estavam a pagar a conta. Reparei na predominância de vestidos caquis e mal ajustados por toda a sala e depois voltei a olhar para os fatos bem cortados, as saias elegantes e camisas fluidas do nosso pequeno clã. *E ainda nem sequer recebemos os nossos primeiros salários.*

O Kevin chamou-nos para a mesa com um aceno, enquanto a empregada acabava de retirar os copos e limpava da madeira fortemente envernizada os resíduos pegajosos de uma qualquer bebida alcoólica.

— Derrick, já agora, como é que ainda te resta alguma coisa da tua bolsa? — perguntou a Carmen. — A minha bolsa mal cobriu a minha mudança e eu só vim de Boston. Não te mudaste do outro lado do país?

O Derrick encolheu os ombros.

— Os meus pais têm uma casa mobilada na cidade onde vivo agora, por isso não tive de mudar nada. Mas a Klasko perguntou se eu ia mudar-me do exterior da Cidade de Nova Iorque para o interior da Cidade de Nova Iorque. Eu disse que sim. Porque era a verdade. E agora tenho dez mil dólares para gastar convosco, pessoal encantador.

Batemos no copo dele, fazendo um brinde.

— Eles dão-vos dez mil dólares para as mudanças? — perguntou a Roxanne. — A rapaziada de Columbia não recebeu nada. — Ela olhou para a Jennifer, que acenou, concordante.

— Ainda bem que nos deram — disse eu. — Foi a única maneira de eu e o meu namorado conseguirmos pagar a nossa caução. Depois de assinarmos o contrato de arrendamento, só ficámos com dinheiro para um sofá.

A Carmen olhou para mim.

— Estás a viver com o teu namorado!? Sam, não é? — Anuí, impressionada por ela se lembrar do nome dele, visto que eles só se tinham visto de passagem em Cambridge.

— Há quanto tempo estás com ele? — perguntou a Jennifer.

— Há quase quatro anos.

— O que é que ele faz? — perguntou a Roxanne.

Encolhi os ombros.

— Conhecemo-nos na faculdade. Eu andava em Harvard e ele no MIT, e depois ele abriu a empresa dele em Boston. Em parte foi por isso que fiquei em Harvard a estudar Direito. — O grupo ao redor da minha mesa acenou com as cabeças e fiquei com uma sensação de conforto por saber que eles não achavam que eu estava a gabar-me.

— Dou-te seis meses na Klasko até ficares solteira! — provocou o Derrick. Todos desataram a rir-se, por isso também me obriguei a rir, mas senti o estômago às voltas.

— Derrick, não sejas idiota — disse a Carmen, dirigindo-me um aceno tranquilizador.

— Estava só a brincar contigo — disse o Derrick, tocando-me ao de leve com o ombro, enquanto eu mordida o meu lábio inferior.

A porta do bar abriu-se de rompante e virámo-nos todos para ver três homens de fato a entrar de forma resoluta, aparentemente nada familiarizados tanto com a sensação de rejeição quanto com a força da gravidade. Reconheci um como sendo o jovem advogado atraente que vira anteriormente na sala de conferências. O empregado do bar já estava a preparar as bebidas deles ainda antes de eles chegarem ao balcão.

— Aqueles são alguns dos associados da área de fusões e aquisições — disse a Carmen em voz baixa.

— Provavelmente, ainda vão voltar para o trabalho depois disto — disse o Kevin, olhando para o relógio dele. Eles encostaram-se ao balcão e, todos ao mesmo tempo, engoliram três *shots*, fazendo apenas umas caretas antes de darem um gole do líquido âmbar dos copos baixos de cerveja. Como é que alguém conseguia trabalhar depois de um *shot* e uma bebida? Observei o associado de cabelo escuro e atraente a retirar uma nota do *clip* de notas dele e a fazê-la deslizar pelo balcão em direção ao empregado do bar.

— Aquilo faz-me pensar... precisamos de uns *shots*! — disse o Derrick, voltando a requisitar a nossa atenção.

— Na verdade, eu devia ir para casa — respondi com um tom apolo-
gético.

A Carmen abriu a boca para se opor, mas depois anuiu.

— Acompanho-te até lá fora.

Quando saímos do bar, dois homens de fato extremamente bem arranjados seguraram a porta para passarmos. Bem cuidados. Bem-educados. Bem vestidos. Supus que os banqueiros e os advogados estavam agora a começar a chegar aos poucos. Avancei até ao lancil do passeio e olhei para leste da Rua 55, examinando a estrada em busca de um táxi. Conseguia sentir a Carmen a observar-me.

— Acho que podemos dizer que foi um primeiro dia de sucesso! — disse ela, alegremente. — Lamento que o Derrick tenha sido um bocado imbecil. É só porque ele te acha gira.

— A sério? — Olhei para ela e ela acenou que sim. Com o corte de cabelo sofisticado, o lacinho colorido e os modos extravagantes dele, não considerara o Derrick como interessado em mulheres.

— Eu perguntei-lhe. Em breve vais poder ver como sou intrometida — admitiu, puxando a unha. — E competitiva. Supercompetitiva. — Nunca encontrara ninguém tão consciente de si mesma, e tão comunicativa.

— Também sou competitiva — disse eu. — Mas principalmente comigo mesma, suponho eu. — Não era propriamente uma mentira. Fora nadadora competitiva durante toda a minha adolescência e detentora do Recorde Mundial de Júniores feminino tanto nos 50 como nos 400 metros de *crawl* durante dez anos. (Há alguns anos, uma adolescente russa roubou-me o título.) Eu fora recrutada para Harvard pelo treinador de natação, mas a meio da minha segunda temporada, uma lesão da coifa dos rotadores obrigou-me a apagar a palavra «atleta» do meu título de «estudante atleta».

— Para mim, tu e eu estamos na mesma equipa — disse a Carmen. — Estou tão contente por ter alguém da Faculdade de Direito aqui!

A natação não me proporcionara a oportunidade de fazer parte de uma equipa (nem sequer nadara em provas de estafeta) e acolhi a ideia de pertencer a uma, mesmo apesar de uma parte de mim duvidar se saberia como fazê-lo.

— Não há dúvida de que estamos na mesma equipa — concordei.

A Carmen esticou as costas, de mãos nas ancas, enquanto se inclinava para olhar para o céu, depois endireitou-se e olhou-me nos olhos.

— Acho que só me tornei advogada porque o meu pai e os meus três irmãos também o são. Só quero mostrar que sou tão boa quanto eles. Ou melhor. — Fez um sorriso malicioso. — É como eu disse: competitiva.

— É um motivo melhor do que o meu. Acho que sou advogada porque os meus pais mais ou menos o sugeriram.

— És filha única? — perguntou a Carmen. Acenei que sim. — Clássico. Acho que podiam ter-te guiado para posições piores. Seja como for, fico contente por estarmos nisto juntas. — Ela avistou um táxi em serviço a vir na nossa direção e ergueu a mão.

Invejei a forma como a Carmen conseguia criar factos só por dizer coisas em voz alta. Éramos amigas só porque ela o dissera, aliadas, quando no dia anterior éramos apenas antigas colegas de turma. Sorri e acenei-lhe enquanto saltava para dentro do táxi que ela chamara para mim.

Quando cheguei a casa, o Sam estava esparramado no sofá a ver o programa de acontecimentos da atualidade *Anderson Cooper 360°*. Pelo menos, já não estava de pijama.

Tentei imaginar o que fizera em casa o dia todo sem mim. Reunira-se com potenciais investidores para a *startup* dele antes de irmos à Ásia e, tanto quanto eu sabia, só estava à espera das respostas deles. Estendeu-me os braços e eu enrosquei-me entre eles.

— Então? — perguntou.

Franzi o sobrolho de forma dramática.

— Bem... Hoje chamei a polícia contra mim mesma. — Abriu a boca para perguntar algo, mas ergui a palma da mão para o interromper. — À frente de toda a gente.

— Precisas de uma bebida. — Riu-se enquanto me dava um beijinho nos lábios e se levantava.

O Sam voltou da cozinha com dois copos de vinho tinto e colocou um na minha mão estendida.

— Para a minha mulher trabalhadora. — Fez tilintar o copo dele contra o meu. — Então, como foi com os outros advogados? Alguns amigos? Como correu com aquela tal Carmen que conheces de Harvard?

— Conheci algumas pessoas muito simpáticas. Toda a gente é tão... consciente de si mesma. A Carmen é incrível. É uma pena não termos sido mais próximas na faculdade.

— Tinhas-me a mim para ser próximo de ti na faculdade.

— Eu sei. — Beijei-o com delicadeza, indo encaixar-me no espaço entre o lado dele e o seu braço.

É claro que ele tinha razão. Mas eu também fizera amigos na licenciatura, muitos dos quais tinham ficado em Boston depois de nos licenciarmos, menos dois nativos de LA, que se tinham mudado novamente para a Costa Oeste. Embora eu tivesse crescido nos subúrbios de Nova Iorque, não tinha uma verdadeira rede de amigos na cidade. Teria ficado em Boston para sempre de muito bom grado, mas, como o Sam ia ter muito mais opções para a *startup* dele aqui, decidíramos mudar.

— Como correu o teu dia? — perguntei.

— Bom! Superprodutivo. — Olhou para o Anderson Cooper e não para mim enquanto falava. — Adivinha o que decidi hoje!

Ergui o sobrolho.

— Vou começar a treinar para a maratona de Boston e participar nela com alguns amigos meus do MIT. Neste momento, a empresa está num padrão de espera e, seja como for, sempre quis participar numa.

Examinei o perfil dele, procurando qualquer indício de ele poder estar a sentir-se deslocado. No nosso apartamento mal iluminado, comecei a sentir os efeitos do vinho por cima da *Vodka Soda* que tomara com o estômago vazio. Pensei em tranquilizá-lo, dizendo-lhe que este tempo passado a construir a empresa compensaria, mas depois pensei melhor, visto que sabia que isso o faria sentir-se inferiorizado, se é que já não acontecia.

— Uau! Porreiro! — Dei outro gole de vinho e abandonei os pensamentos sobre a empresa do Sam para a periferia da minha consciência. O álcool sempre fora uma maneira útil de arranjar espaço mental para pensamentos mais agradáveis.